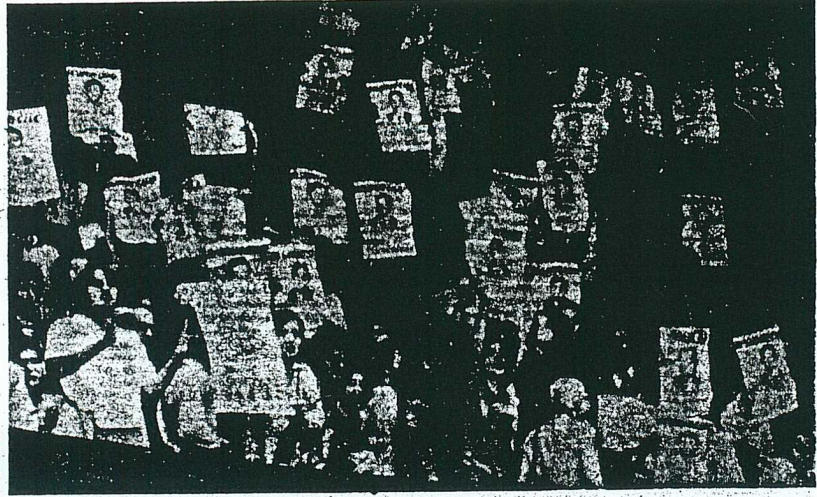


"Eu encontrei meu marido desaparecido. Ele está morto"



Famílias mostram os retratos de seus desaparecidos

A comissão de parentes de presos políticos mortos ou desaparecidos via abrir processo contra a União, responsabilizando-a por ocultação de cadáver sob falsa identidade, de acordo com dados levantados que provam, segundo seus representantes, o falseamento de nomes de dois presos políticos "desaparecidos" enterrados no cemitério Dom Bosco, em Perus (SP). A informação foi prestada por membros da comissão que vieram a Brasília acompanhar a votação do projeto de anistia.

Foram identificados Denis Antônio Casemiro, desaparecido em abril de 71, e Luis Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72. Ambos constam no registro de mortos enterrados no cemitério Dom Bosco, o primeiro sob o nome de Denis Casemiro, com idade alterada; o segundo sob nome de Nelson Bueno.

A comissão de parentes de desaparecidos informou, ainda, que há mais três casos de identidades alteradas: Alex de Paula Xavier Pereira, como João Maria de Freitas; Flávio de Carvalho Molina como Alvaro Lopes Peralta, e Sônia Maria Lopes Moraes como Esmeralda Siqueira de Aguiar. A identificação foi feita por membros da comissão através de depoimentos e reconhecimento por fotografias.

Num ambiente tenso, onde aconteceram várias denúncias, o Congresso discutiu, ontem, o projeto de anistia. Entretanto, os fatos paralelos às discussões em Plenário chamaram a atenção dos jornalistas. Já no início das discussões, foi denunciado que centenas de militares da FAB estavam nas galerias, tomando os lugares dos familiares de presos políticos ou integrantes de organizações que lutam por uma anistia ampla, geral e irrestrita. E efetivamente, podia-se ver, nas galerias, centenas de jovens com idade entre 18 e 20 anos, com os cabelos cortados "à milítar", que preocupavam-se em votar os pronunciamentos favoráveis à anistia ampla, geral e irrestrita e aplaudiam as manifestações favoráveis ao projeto de Governo. Houve provocações com frases "lugar de comunista é morto ou na cadeia", mas nenhum incidente maior registrou-se até o meio da tarde.

Enquanto isso, milhares de pessoas portando cartazes e folios com a frase "família de preso político" percorriam os corredores do Congresso, distribuindo cartas abertas e denúncias. Uma das manifestantes, Suzana Lisboa, de Porto Alegre, tinha uma carta onde se lia: "eu encontrei meu marido desaparecido. Ele está morto". O marido de Suzana era o estudante gaúcho, Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido desde 72, quando foi preso. O último contato com a família indicava que Luiz Eurico estava residindo em São Paulo. Sua mãe também se encontra em Brasília. Chella Lisboa, juntamente com Suzana, está fazendo documentação, através da qual tenta provar que o jovem foi morto e enterrado sob o nome falso de Nelson. As duas também têm outros documentos que afirmam existir mais "desaparecidos políticos" enterrados no Cemitério de Perus, em São Paulo.

Foram várias as cenas chocantes, principalmente de mães de jovens desaparecidos, que procuravam junto a integrantes do CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia) informações sobre seus filhos. Um jovem distribuía uma carta aberta ao Presidente da República, explicando que a sua luta é para que sejam esclarecidos os casos de desaparecimento e os autores de torturas, ou assassinatos de presos políticos, sejam punidos judicialmente.

Suzana entregou um documento chamado, "Eis Aqui o Paraíso de Dois Desaparecidos". O documento conta sua história para encontrar seu marido, o que culminou com os fatos que estão sendo denunciados agora.

NOTA DOS FAMILIARES

"A extensão da violência empregada a partir de 1964 no combate aos opositores do regime militar, então instaurado, tem sido denunciada constantemente por nós, familiares de presos políticos, mortos e / ou "desaparecidos", pelos presos políticos sobreviventes desse período, pelas entidades empenhadas na luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita e pelas milhares de famílias representativas da sociedade brasileira.

Entretanto, os limites dessa violência são ainda desconhecidos. O somatório dos dados já obtidos, e amplamente divulgados, nos fornecem um quadro assombroso e assombroso é um adjetivo poquíssimo significativo para os novos fatos que hoje lhe apresentamos.

A comissão de familiares formou-se quase que naturalmente, aos poucos fomos nos encontrando na busca daqueles que tinham tombado, ou "desaparecido" nos porões dos órgãos de repressão política. E, aos poucos fomos crescendo e nos unindo. O primeiro Congresso Nacional das Entidades de Anistia, realizado em São Paulo, em novembro de 78, é um marco fundamental da nossa luta.

A partir dele, nossas atividades se dinamizaram, tornando-se orgânicas. Foi possível, através de denúncias então realizadas, termos um quadro geral mais amplo da violência empreendida. E foi possível, sistematizar essas denúncias. Assim, logo após o congresso, foi impresso um cartaz com fotos de 28 dos hoje 74 desaparecidos.

sem que estas prisões tenham jamais sido assumidas. Paralelo ignorado — esta a justificativa do Governo para encobrir os assassinatos sob tortura.

Na busca dos desaparecidos, entre outras ações, os familiares juntamente com Dom Paulo Evaristo Arns, professor Cândido Mendes, foram recebidos pelo general Golbery do Couto e Silva, em 1974, o qual se comprometeu a buscar informações para esclarecer o paradeiro dos "desaparecidos". Até hoje esperamos tal resposta.

Em 1975, nota oficial divulgada pelo ministro da Justiça, Armando Falcão, relacionava 28 casos de supostos "desaparecidos", dentre estes, constavam alguns nomes de pessoas conhecidas de Nelson Bueno. Alguns desses nomes são: Alex de Paula Xavier Pereira, como João Maria de Freitas; Flávio de Carvalho Molina como Alvaro Lopes Peralta, e Sônia Maria Lopes Moraes como Esmeralda Siqueira de Aguiar. A identificação foi feita por membros da comissão através de depoimentos e reconhecimento por fotografias.

Em 27 de dezembro de 1978, foi protocolado no Gabinete Civil da Presidência da República, sob número 996/78, documento solicitando esclarecimentos sobre 54 presos políticos "desaparecidos". Em 5 de março de 1979 foi solicitada resposta a tal documento. A resposta ainda não foi dada.

Em julho de 1978, familiares de combatentes da Guerrilha do Araguaia, deram entrada em uma interpeleção ao Presidente da República, em sua condição de chefe supremo das Forças Armadas, onde responsabilizavam a União, em 72 e 75, naquela região do sul do Pará. Tal interpeleção foi indeferida e se encontra em fase de apelação.

A partir de informações recebidas pela comissão de familiares, foi possível apurar que, durante esses anos de repressão e censura, vários métodos de acobertamento dos crimes cometidos pelos órgãos de repressão política foram utilizados. Entre esses métodos podemos citar:

— Que opositores políticos assassinados pelo regime foram enterrados com nomes falsos, apesar de suas mortes terem sido divulgadas em notas oficiais com seus verdadeiras identidades.

— Assim foram enterrados Alex de Paula Xavier Pereira, como João Maria de Freitas; Flávio de Carvalho Molina, como Alvaro Lopes Peralta; Sônia Maria Lopes Moraes, como Esmeralda Siqueira de Aguiar, entre outros.

Em setembro de 1972, a última notícia de Luiz Eurico

Demonstrando muito cansado, quase sem voz e com os olhos completamente congestionados, Suzana Lisboa reuniu-se com um grupo de repórteres para contar como conseguiu localizar o corpo de seu marido. Ela, naquele momento, estava sendo uma porta-voz simbólica de 74 famílias brasileiras que são parentes da mais nova figura introduzida no debate nacional, a partir do processo de abertura do desaparecido político. Estes desaparecidos são pessoas, geralmente com militância política, cujos familiares perderam contato após prisões ou simples desaparecimentos.

Assim aconteceu com Luiz Eurico Tejera Lisboa, um jovem de 34 anos que, em 1972 militava na ANL (Ação de Libertação Nacional), um agora desativado grupo, mas que teve ampla atuação política. A história é misteriosa, cheia de lances e depoimentos. Para reunir a Suzana e seu advogado, Luiz Eduardo Greenhalb, correm atrás de provas. Elas vieram de lances. Muitos pontos obscuros foram sendo esclarecidos. Agora, Suzana tem absoluta certeza de que Nelson Bueno, enterrado no Cemitério de Perus, é seu marido. Conta Suzana:

— Luiz Eurico desapareceu na primeira semana de setembro de 1972. Ele viajou para São Paulo em fins de agosto daquele ano e deveria voltar dentro de dez dias, mas nunca mais foi visto no Rio Grande do Sul. A partir daí estou tentando localizá-lo de alguma forma, mas isso nunca foi possível. A prisão dele não foi assumida por nenhum órgão de Segurança e ele, simplesmente nunca foi encontrado.

Suzana lembra que após a divulgação dos cartazes, onde a foto de seu marido aparecia como um dos desaparecidos ela recebeu uma informação de que ele era conhecido com o nome de Nelson Bueno. Dois meses atrás, Suzana recebeu outra informação de que Denis Antonio Casemiro, desaparecido em 1971, estaria enterrado no Cemitério de Perus, só que com os dados alterados no livro de registro. Ele estava enterrado com o nome de Denis Casemiro, 40 anos presumíveis e "maiores dados ignorados". Ao mesmo tempo ela conseguiu uma cópia de seu atestado de óbito, onde todos os dados estão completos, e a exceção do nome, onde foi suprimido o Antonio. Na cópia de seu atestado que Suzana distribuiu à imprensa lê-se, que Denis Casemiro faleceu a 18 de maio de 1971, às 23h. O legista Renato Capellano indicou como causa da morte hemorragia interna traumática. O relato continua:

— Nós também tínhamos notícias de uma quantidade bastante razoável de presos oficiais, enterrados com nome falso. O caso de Alex e de Paulo Xavier Pereira. A nota da Secretaria de Segurança Pública, divulgada no dia seguinte, dava o nome dele como João Maria de Freitas. Este é um nome falso que ele usava e foi enterrado com esse nome, no Cemitério de Perus. O Flávio Carvalho de Molina, cuja documentação também vou entregar, foi enterrado sob o nome de Alvaro Lopes Peralta. Outro caso é o de Sônia Maria Moraes, enterrada com o nome de Esmeralda Siqueira de Aguiar. Juntando todos estes fatos com o caso de Denis, nós chegamos a conclusão de que os desaparecidos estariam enterrados, provavelmente, no cemitério com a identidade trocada. Nós também investigamos que os únicos cemitérios que enterravam indigentes em São Paulo eram os de Perus e Lagoado a partir de 70. Antes, o Cemitério de Vila Formosa também enterrava.

— Com estes dados Suzana ampliou sua investigação. Mas, no cemitério de Lagoado a situação foi crítica. Lá recebeu a informação de que os arquivos haviam sido queimados em 1976. Contam que ladrões invadiram a administração e não encontrando nada de valor para roubar, resolveram pô-los no prédio. Suzana mudou as investigações para o cemitério Dom Bosco, em Perus, onde conseguiu o registro, ela encontrou o endereço da pensão onde seu marido havia se hospedado e seu corpo encontrado. Nesta pensão, localizada na Rua Conselheiro Furtado, 1071, Suzana se apresentou como mulher de Nelson, e ouviu as versões dos moradores e proprietários sobre o suicídio de seu marido.

— Estas versões são contraditórias. Na pensão, as versões eram ainda mais contraditórias. As pessoas disseram que os policiais, quando levaram o corpo, afirmaram que ele era um terrorista. Se sabiam disso, então sabiam o seu nome. Luiz Eurico já havia sido preso e fora condenado. Ele estava mais do que identificado".

— Suzana ainda não conseguiu provas para afir-

mar que outros presos políticos, ou desaparecidos, estejam no mesmo cemitério mas ela acredita que os dados estão fechando. "São 74 desaparecidos, dois nós conseguimos localizar". Agora ela pretende entrar com um processo para conseguir reconstituir a identidade de Nelson Bueno, provando que ele era realmente Luiz Eurico e esclarecer as circunstâncias da morte dele. Depois ela pretende punir os responsáveis por sua morte, uma vez que não crê nas versões do suicídio, alcinando a União.

— Mas a pergunta que se impõe é de como Suzana tem tanta certeza de que não houve suicídio. Ela dá a sua versão:

— A história que eu ouvi, indica que Luiz Eurico havia chegado a uns cinco dias na pensão e que se mostrava muito calmo, sem sair muito de casa. Num domingo, pela manhã, uma pessoa que morava no quarto no lado, dir ter visto Luiz Eurico correndo a barba. Pela madrugada de segunda-feira, essa pessoa acordou com um estampido. Na manhã seguinte, falou com a dona da pensão, contando o que havia se passado. Esperaram até o meio da tarde e resolveram olhar pela janela e viram o corpo de meu marido. Ali começam as contradições: primeiro, algumas pessoas dizem ter ouvido um tiro, enquanto outras alegam que foram três disparos. Dois tiros foram contra a parede e o terceiro no ouvido. Qualquer pessoa que pretende se suicidar não vai ficar dando tiros para o alto. Os depoimentos confirmam que ficaram marcas das balas na parede e em um armário.

"desaparecidos" foram enterrados sob falsas identidades ou com seus nomes adulterados e dados pessoais falsificados. Os casos encontrados foram:

Denis Antônio Casemiro, desaparecido em abril de 71 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 28 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Zero Hora - 23/08/1979

Folhas no: 58
Processo: 265075/02
Visto:

fome no 32º dia

Mulher denuncia que estudante desaparecido está enterrado em SP

Brasília — Há quase sete anos, em fins de agosto de 1972, Luiz Eurico Tejera Lisboa, garço, 24 anos, líder estudantil, viajou de Porto Alegre a São Paulo com previsão para voltar em 10 dias e desapareceu. Ontem sua mulher, Suzana, denunciou que ele está enterrado com falsa identidade — Nelson Bueno — no cemitério de indigentes Dom Bosco, em Perus, São Paulo.

Até hoje nenhum órgão de segurança assumiu a responsabilidade pela prisão de Luiz Eurico, e as tentativas anteriores de localizá-lo resultaram em nada. A partir da divulgação do cartaz de desaparecidos, sua mulher recebeu uma carta anônima informando que ele usava o nome de Nelson Bueno. Uma investigação da família descobriu sua morte e a falsidade da versão de suicídio na pensão em que morava.

VERSÃO

Suzana chegou ao cemitério de Perus praticamente por associação de idéias. Informada de outros presos políticos mortos e enterrados com nomes falsos — inclusive Denis Antônio Casimiro, enterrado em Perus — e que este cemitério era um dos dois únicos que enterravam indigentes, ela procurou a sepultura de Nelson Bueno. Lá constava o registro do enterro, e o endereço — uma pensão na Rua Conselheiro Furtado, 1 071. Suzana foi ao local, onde confirmou, através de fotografias reconhecidas por testemunhas, a identidade de Luiz Eurico como Nelson Bueno.

Confirmou-se sua chegada na pensão dia 29 de agosto, "um rapaz calmo e que não saía de casa". "No domingo de manhã" — segundo depoimento de seu vizinho de quarto, "ele estava fazendo a barba quando entrei no banheiro e por isso fixei a fisionomia dele". Na madrugada do mesmo dia, o mesmo vizinho escutou tiros, mas, como não conseguiu ouvir mais nada, foi dormir.

Na manhã seguinte, este vizinho contou o que ouvira à dona da pensão, e como Nelson Bueno não aparecesse até o meio-dia, ela mandou que alguns rapazes espiassem pela janela basculante da sacada, onde era possível subir pelos fundos do prédio. Eles olharam, viram o corpo e chamaram a polícia. "Os policiais referiram-se ao morto como terrorista conhecido, que possuía mais duas identidades, e ele foi enterrado em Perus.

Segundo Suzana, existem contradições que a impedem de aceitar a versão do suicídio. A primeira delas é de que alguns dizem ter ouvido um tiro, enquanto outros afirmam que foram três disparos, o que foi confirmado pela dona da pensão, que informou ter mandado rebocar uma parede e consertar um armário, onde teriam chegado duas balas. Suzana questiona, então, se uma pessoa que desejasse se suicidar daria, primeiro, dois tiros a esmo para depois se matar.

Outra contradição parte do depoimento de uma moradora da pensão que, tendo entrado no banheiro após a polícia retirar o corpo, encontrou-o completamente sujo de sangue. A polícia teria afirmado, na

pensão, que lavara o corpo de Nelson (Luiz Eurico) no banheiro, antes de desloca-lo. Isso contraria o procedimento normal da polícia técnica e, por outro lado, frisa Suzana, teria sido impossível, pois mais de meio dia depois da morte, o sangue já estaria coagulado.

Ainda outro fato estranho, segundo Suzana, envolve a morte de Luiz Eurico. Além das inúmeras barreiras encontradas ao longo da investigação, telefonemas anônimos e ameaçadores — até mesmo um simulando ser Luiz Eurico — o boletim de ocorrência desapareceu. Na 5ª Delegacia Policial de São Paulo, que atendeu ao caso, alega-se que, decorridos cinco nos, o boletim foi queimado, o que também não faz parte do procedimento normal da polícia.

O boletim de ocorrência é o único documento que pode provar como Luiz Eurico morreu e confirmar definitivamente sua identidade verdadeira, através da ficha datiloscópica. A partir desta dificuldade para conseguir a ficha, Suzana levanta outra dúvida: "Se o Instituto Médico Legal não possui a fotografia de Nelson, alegando que essa exigência só se aplica a desconhecidos, e se a própria polícia afirmou conhecê-lo — e mais duas identidades suas — como terrorista, como o enterrou como Nelson Bueno?"

Para ela, esses fatos confirmam a intenção de ocultar o ocorrido, e por isso pretende entrar com um processo de reconstrução de identidade a fim de posteriormente pedir esclarecimentos sobre as circunstâncias de sua morte e processar a União por ocultação de cadáver e possível assassinato.

Suzana critica o projeto de anistia do Governo alegando que fato de se poder, após um ano, requerer atestado de morte presumida, é uma forma de resolver um problema jurídico, mas não de esclarecer o que aconteceu realmente e assumir a responsabilidade judicial correspondente. Luiz Eurico foi condenado, por atividades na política estudantil, à prisão por seis meses, mas não cumpriu pena, refugiando-se no Uruguai. Segundo sua mulher, nunca participou de atos violentos, e, embora Frei Betto o tenha relacionado com a organização armada ALN, nunca houve provas efetivas de sua participação.

- 60 -
Jornal do Brasil

23/08/1979

Folhas no: 60
Processo: 265095/02
Visto: _____

la sanção
stituti-
o Na-
es da
oram
a aos
atos
vi-
e ia

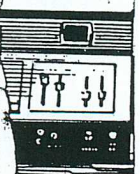
rin-
ler
las
há-
aa,
ao
dia
pis

OR

en-
m-
am
bo
sas
eira
gem
na,
em



STA



Deck Collaro, C
o, Memória, Auto-
por fone, Equaliz
vação e Reprod
separa

6.530

2.60
5.80
3.38
5.28
17.04
2.44
22.14

Folha S. Paulo - 23/08/1975

Folhas no.: 61
Processo: 265095102

Visto:

Processo
Ribeiro
deres do
Sem o
dindo o
geremp-
do para
do Rio.
a a isso
par pois
ão mais
punição
m cum-
nmete do
o então
de en-
incluin-
de Ja-
Presi-
ento de
legal e
que o
e reme-
anismo
u envol-
quire de
cou sua
no como
tem vo-

foram
aprova-
sidente
indulto.
lva e de
ndo pe-
em São
ho Car-
as a ses-
ensa da
a que o
adofar
restrita

te que o
ssão de
dito que
medida.
ou. con-
o pre-
para os
que o
não
anto os
nte em
se en-
s tidos

as fi-
etadas
publico
ntem.
son. da
n dois
ois de
as ca-
MDB.
miu a
ue re-
onal e
tida e
olícia
selva-
ntra
ões e
ndo e
a tec-
terna-

do do STM, general Peri Constant Bevilacqua, a anistia ontem aprovada pelo Congresso "não tem a abrangência reclamada pela consciência nacional, pelas mais vivas forças da Nação" mas "inegavelmente representa um passo no sentido da reconciliação, hoje o principal problema político do Brasil". O general considerou errada a manutenção no substitutivo aprovado, da exigência do requerimento para o retorno do anistiado ao serviço público, civil e militar, pois essa reversão, pelo espírito histórico da anistia, deveria ser automática e independente de solicitações.

No seu entendimento, a anistia aprovada alcança os torturadores e os autores de violências e atos arbitrários, "incluídos na figura dos crimes conexos" preservada do projeto governamental no substitutivo do deputado Ernani Sátiro, relator da Comissão Mista do Congresso.

Depois de invocar o Duque de Caxias, "que jamais concebeu uma anistia restrita, como aconteceu no Maranhão, na Balaiada", Perí Bevilacqua considerou a anistia de agora "um ato positivo de política, de reparação de injustiças que sempre são uma sementeira de ódios".

"Embora não seja a desejada pela consciência democrática e humanística brasileira, é um passo no sentido de produzir efeitos favoráveis à necessária conciliação nacional", dizendo acreditar que poucos não serão beneficiados pela anistia.

A exclusão dessas pessoas é lamentada pelo ministro aposentado do STM que, entretanto, admite reparação da falha pelo prometido indulto do presidente Figueiredo, no Natal, aos prisioneiros por crimes políticos.

"Essa não é, portanto, a anistia ideal e necessária à conciliação nacional, porém a vejo como passo nessa direção", comentou, destacando que "muitas injustiças foram cometidas pela violência do AI-5, o maior erro político em toda a história da República brasileira".

SAO PAULO - F3P 23/8/75 Localizados corpos de 2 desaparecidos

A descoberta recente de dois corpos - Denis Antonio Casemiro e Luiz Eurico Lisboa - tidos como desaparecidos, no cemitério de Perus em São Paulo, foi anunciada ontem, logo após a votação do projeto da anistia, pelos seus familiares.

Segundo Susana Lisboa, após ela ter obtido a informação de que seu marido também usava o nome de Nelson Bueno, conseguiu localizar, no cemitério d. Bosco, de Perus, um morto com o mesmo nome e cujas informações pessoais do atestado de óbito coincidem com as de Luiz Eurico Lisboa. Além disso, o registro do Instituto Médico Legal acrescentava como "causa mortis" hemorragia cerebral traumática e apontava o registro da ocorrência de suicídio na 5.ª delegacia. O registro da ocorrência não foi encontrado nessa delegacia e, segundo seu titular, são incineradas todas essas ocorrências com mais de cinco anos.

Na pensão indicada pelo ML, como o local onde ocorreu o suicídio, todos reconheceram a fotografia de Luiz Eurico Lisboa, identificando-o como Nelson Bueno. Informam também da existência de sangue no banheiro do hospede, em data posterior à constante no atestado de óbito. Pela conclusão da viúva, a morte de Luiz Eurico ocorreu na mesma semana do seu desaparecimento.

Em razão das informações contraditórias quanto ao suicídio, a viúva Suzana Lisboa pretende entrar com ação judicial para reconstrução da identidade de Luiz Eurico; processar a União por ocultação de cadáver; abrir inquérito para esclarecer as circunstâncias da morte e, depois, responsabilizar judicialmente os assassinos.

O notário sobre a fuga do preso político Teodomiro Romeiro dos Santos está na página 10.

problemas...
terior para...
lado de...
mas graves...
nos últimos...
aconteceu...
Antonio...
blemas in...
Antonio...
R. de Jorge...
vergente...
pressão m...
a greve; He...
com crise...
presos; Jes...
Além disso...
problemas...
lados, pod...
mortário...
leinas e n...
ganismo...
nas artic...
mência, c...
aguda, ex...
greve, sin...
te a partir...
apresenta...
perigo. Co...
colocaria...
outras se...
delicado...
atrasando...
ses 10 dias...
De acordo...
SEQUELAS
malmente.
podero al...
tosa, com...
gerir híd...
te cerca...
de ucar, s...
tos, sus...
lentamen...
pa geral...
desidraç...
Pereria M...
da Rocha...
e Paulo...
precaram...
Ontem a...
paralisaç...
da noite...
ton Dias...
me a dire...
suspensa...
oficial d...
Apesar...
litigada...
pla geral...
esforços...
a unidade...
em seus...
Dias p...
sociais q...
pessoas...
governo...
para am...
me no 32.
eram a gre
resos polít

Críticas às res

FOLHA DE S.

Administrativo stamp with fields for 'Data', 'Assinatura', and 'Rubrica'. Includes a large 'NA' stamp.

Vertical text on the right margin, possibly a list or index of names.

